



TABELA DE PREÇOS: maravilhoso nudista, aí embaixo. Andreilino firme na página 2. Regina Váter na página 3. Pires Putz na 6.. Temos também as palavrinhas mexidas na manteiga, e uma página cheia de coisas.. etcetcetcetc



## -EU SOU A OBRA... -EU SOU A OBRA...

A fonte produtora de arte apresentou-se como obra. O que levou Antonio Manuel a isso? Afastada, de início, a possibilidade saltatória, apresenta-se como posição incontestável uma atitude qualitativa advinda de acumulações quantitativas fundadas em suas experiências anteriores.

O júri, incapaz de julgar a nova proposta, não teria outra alternativa ante o choque senão rejeitar a situação conflituosa em que se encontrava. Viendo em julgar objetos sem vida, como apresentar um parecer sobre algo que pensa, que não esquentia lugar, e principalmente que deslocava as consciências acomodadas num ritmo linear?

A racionalização, a defesa, que mais para fortalecer os que se escondem no âmago dos preconceitos? Bônitos como exibicionista, agressivo e outros são destituídos de importância no caso do artista que tem fundamentos em suas atitudes. Tudo passa a plano secundário em se tratando dos objetivos, dos caminhos em que a arte se arrasta.

John Lennon e Yoko apresentaram-se nus em capa de disco, tal como nasceram, com a única diferença de estarem bem mais crescidos, física e mentalmente, o que não acontece "in totum" com os nossos mortos-vivos.

A proposta de Antonio Manuel ultrapassa as paredes dos museus, faz um rebolço na inércia, espicaçando-a. Pretende, inicialmente, dar uma rasteira na catatonia, despertar o dinamismo, acabar com o hermetismo, descobrir a saída. A saída...

Dário Cariomagno

«Desde 63 eu vinha desenvolvendo um negócio que achava importante. Até que resolvi tirar a roupa, numa espécie de negação de tudo que até então eu vinha fazendo. A negação da Arte, do Museu e de todo esse esquema. Nessa época eu desenvolvia um negócio com a matriz de jornal (que era o flan). Eu jogava talco por cima do flan e apareciam figuras. Daí ressaltavam imagens, manchetes, clichês e outras coisas. O flan porque era material ligado ao cotidiano. Era uma espécie de manchete-notícia. Este tipo de coisa me satisfazia porque se impunha a preocupação pela época, onde eu usava materiais ligados à comunicação de massas. Antes do flan eu tinha desenvolvido uma pesquisa na própria manchete de jornal, na folha mesmo. Eu trabalhava com lápis-cera. Mas aí ficou um negócio muito percível. Rasgava logo. Então eu resolvi trabalhar com o flan, que era um troço mais duro, um plástico mais forte. A partir daí,

eu vim para o objeto. E com objeto, o que fizemos de mais importante, foi uma demonstração no Atêrro, que denominamos de Apocalipopose. Era eu, Hélio Oiticica, Rogério Duarte, Lígia Pappe e Sami Mattar. E outros. Então, isto foi realizado no Atêrro, com um público totalmente desligado de galerias. O nosso problema lá era esse negócio de galerias, «salões» e «museus». O público, nesta demonstração ao ar livre, já era diferente, mais participante e curioso. Hélio levou os «parangolés», Lígia levou a «caixa-óvo» e eu levei um negócio que dei o nome de «urna-quentes». Eram umas caixas fechadas, quase lacradas, que continham desenhos e mensagens. Espalhei pelo Atêrro umas trinta caixas e as pessoas pegavam uns martelos que estavam no chão. Então houve uma improvisação da escola de samba da Mangueira, cantando uma música cuja letra convidava o pessoal a abrir as caixas, porque lá encontraria dinheiro. Daí, começaram a destruir as caixas e assumiam atitudes de descoberta. Isto foi documentado com um filme de Raimundo Amado, um curta-metragem que recebeu o título de «Guerra e Paz». Este filme foi convidado agora para participar de uma amostra muito importante nos Estados Unidos. Aqui no Brasil este filme foi censurado. Em matéria de acontecimento cultural e artes plásticas, o troço mais importante foi o Apocalipopose. Isto foi em julho de 68.

Voltando ao fato de eu ter ficado nu no MAM, houve até um debate lá que me deixou bastante chateado, quanto à atuação do Vergara. Mário Pedrosa foi lá para discutir o meu caso. Mário tem uma teoria muito boa sobre isso que ele chama de «atividade e criatividade». E a coisa acabou saindo para um plano que eu acho sem sentido nenhum. Vergara começou a defender uma abertura lá fora (exterior). Eu acho isso importante. Mas muito mais importante é o nosso trabalho aqui mesmo. Digo aqui, na América Latina. O proble-

ma é mais interno. É um problema de afirmação aqui dentro. O Hélio acha que não. Ele acha que o artista deve procurar uma abertura também lá fora. No meu caso, particularmente, procuro abertura aqui dentro do Brasil, em termos de América Latina. Europa é outro problema, é outra realidade. É aquela espécie de projeção lá fora... De repente eu acho isso meio acadêmico. Porque essa minha atitude no MAM engole qualquer proposta feita lá. O fato de eu ter ficado nu, é importante porque eu era obra. Daí, engole qualquer proposta de objeto, de obra ambiental e outras coisas já superadas. Superadas por outro tipo de proposta que é o próprio corpo. Então, quando cheguei para o júri do MAM e disse: «Eu sou a obra», quebrei com tudo. Misturei-me com as obras que já estavam lá, aqueles quadrinhos pendurados na parede, e esperei o julgamento. Eles me fizeram muitas perguntas e eu respondi mil coisas. Entre outras coisas me perguntaram se eu, como obra, ficaria duro como uma estátua! Eu disse que não. Como obra eu precisaria andar, comer, dormir, pensar... Ai eles curtiram uma onda, alegando que precisavam saber o que eu «pensaria». Eu podia ter respondido muitas coisas. Mas na hora eu me limitei a rir... A reação do pessoal lá foi incrível. Quando eu me apresentei como obra, eu não tinha programado nada. Eu queria me apresentar assim, numa atitude de oposição a uma série de coisas que estão acontecendo no setor de artes plásticas. Que ao meu ver não tem mais sentido o cara ficar fazendo obras ambientais, objetos, pinturas e etc... porque o cartaz, a televisão, a publicidade, engolem qualquer tipo de proposta deste gênero. Então a partir do momento em que eu tomei consciência disso, minha cuca começou a fundir. Daí eu pensei, «...mas que é isto?!... porque eu não vou pra televisão... Por isso eu fiquei parado durante quase um ano. Ficando quando chegou o momento em que

«Eles me fizeram muitas perguntas e eu respondi mil coisas. Entre outras coisas, me perguntaram se eu, como obra, ficaria duro como estátua! Eu disse que não. Como obra eu precisaria andar, comer, dormir, pensar... Ai eles curtiram uma onda, alegando que precisavam saber o que eu «pensaria». Eu podia ter respondido mil coisas. Mas na hora, eu me limitei a rir...»



Obra de Andreilino Manuel, intitulada «Sou loco por ti terra» — foto Silvio Costa Filho

quei só anotando projetos, pesquisando e pensando mil coisas, etc. Foi resolvi me apresentar como obra. O júri era composto por Frederico de Moraes, Edila Mangabeira e Lolo Pêrsio. Frederico de Moraes é um dos caras que eu respeito. Ele andou fazendo alguma coisa em termos de vanguarda no Brasil. Mas por outro lado, ele tem um conceito, ao meu ver, ainda um pouco por fora. O problema principal do Frederico é uma certa pretensão nas coisas. De repente ele organiza uma exposição em Belo Horizonte, que eu, Hélio Oiticica e Lígia Pappe nos recusamos a participar, por causa dessa pretensão dele. Porque ele diz: «...a exposição em Belo Horizonte, é a nova semana da arte moderna... porque é o movimento mais importante que surgiu no Brasil... porque a semana da arte moderna foi redescoberta agora em Belo Horizonte...» É o tipo da pretensão idiota mesmo. Se alguém redescobriu semana de arte moderna, esse alguém foi Caetano Veloso. Frederico vem com essa, tentando engolir os artistas. Tenta, com isso, lançar mil teorias em torno de um troço que não dá pé. E as propostas que foram feitas em B. Horizonte, foi quase uma chupação do que foi feito no Atêrro. Ainda assim, considero o Frederico de Moraes um sujeito importante para a cultura brasileira. Bem, haviam decidido estudar a minha proposta, e ver se aprovariam ou não.

Eu me lembro de uma coisa que eu achei muito engraçado. Depois que eu bati papo com o júri, não no sentido de explicar alguma coisa, mas citar razões pela minha atitude, eu disse, no final que queria ficar lá. Afinal, como obra eu tinha o direito de assistir ao resto do julgamento. Ai eles não deixaram, começaram a rir, levaram na brincadeira. Acabei indo embora. Três dias depois, houve a inauguração do famoso Salão de Arte Moderna. Olha, no Brasil, o único cara que está fazendo alguma coisa séria é o Colares. Eu adoro esse sujeito e o respeito muito. Ele ganhou prêmio lá, e achei ótimo. O resto eu não vi direito, porque não tenho saco pra ficar olhando aquilo tudo. Bem, aí fiquei andando lá pelo Salão, batendo papo com o pessoal, até que de repente tudo aquilo me revoltou. Tô da aquela gente dizendo: «...olha que pintura!... olha que córi!... olha que maravilha!...» Não é nada disso! Foi quando comecei a falar com uma menina que sempre encon-

tro neste meio e fomos nos entendendo muito bem. Eu conheço aquela menina mas não me lembro do nome dela. Sei que é modelo profissional. Foi tudo muito intuitivo, espontâneo. Propus isso pra ela. Aceitou, mas não acreditou.

A partir do momento em que tudo é arte, eu acho que existe uma diferença. Flávio Cavalcanti é arte «repressiva». Chacrinha é arte «desrepressiva». Porque deixa toda a participação do público funcionar. Deixa todo mundo criar junto com ele. Chacrinha apenas propõe as coisas. O público aceita ou não aceita. Chacrinha, dentro do plano, é o maior artista plástico que surgiu no Brasil nos últimos tempos. E o cara mais criador que existe por aqui. Totalmente inconsciente, intuitivo. A gente pode desligar o Chacrinha criador, do Chacrinha comercial. Mas mesmo assim reconheço que o comércio dele faz parte da sua criação. Tá dentro do esquema do Chacrinha. Como diz o Torquato, eu quero ficar na geléia geral, morrer na geléia geral brasileira.

Existem mil formas de você fazer um trabalho sério e canalizar esse trabalho em termos realmente revolucionários, em termos de uma proposta nova. Ao meu ver, seria uma espécie de saída. Eu tenho vontade de fazer alguma coisa com o Chacrinha. A televisão é a coisa mais importante dos últimos tempos. Eu acho suicidas essas atitudes isoladas de comício relâmpago, guerrilha urbana, na época atual! O cara deve procurar meios muito mais revolucionários, mais poderosos do que este tipo de coisa. A televisão é uma saída, como o cinema também. Eu tenho roteiro de um filme pronto. Pretendo começar a rodar esta semana. Este filme será com Macalé e a Marisa Raja Gabaglia. Só falta saber se ela vai topar. É um curta-metragem em cores. O que me interessa é o grande público. Um amigo meu, Roberto, inscreveu no V FIC, uma música lindíssima. Acredito que ela seja classificada. Então, eu e a Lígia estamos pensando em fazer integração dessa música com coisas plásticas. Uma demonstração em função da música. É uma saída de museu, de público resumido, para um público-monstro. Lígia Pappe é uma das maiores criadoras deste Brasil. É incrível a proposta que ela sempre inventa. Eu e ela estamos bolando coisas geniais.

Pois é gente. O recado é esse. Eu não quero nada não. Quero apenas criar. Quero apenas...

